



“Equipa tem de perder o medo!”

Ivone De Franceschi pode não rimar com campeão, mas é a isso que soa a todo o ouvido leonino. O italiano que deu instrumental contributo ao Sporting na histórica conquista do título de 1999/2000, terminando com a angústia de 18 anos sem o principal ceptro nacional, calcorreou Lisboa em nome da campanha da Gamebox leonina (ver mais informação nesta página), foi homenageado em Alvalade e, no meio da azáfama, ainda deu uma entrevista a O JOGO. O antigo 25 verde e branco não desgostou do que viu do jogo com o Marítimo, mas deixou recomendações próprias de quem sabe o que custa chegar, ver e vencer.

“Eu bem tinha avisado que vinha a Lisboa dar sorte”, começou por brincar o antigo extremo-esquerdo, que vislumbra qualidade numa equipa leonina que precisa, na sua perspectiva, de acreditar mais em si mesma: “Esta ‘squadra’ tem de perder o medo. Assim que se sentir tranquila, vai poder exprimir-se. Vi muitos jogadores jovens e de qualidade, há ali potencial para fazer mais e melhor.”

Num paralelismo interessante, De Franceschi recorda que quando chegou a Alvalade, há onze anos, o panorama não era diferente. “Quando vim para cá, a equipa não estava bem, e os adeptos estavam descrentes. Tive oportunidade de falar sobre isso com o Costinha. Houve uma mudança de treinador, a equipa foi eliminada das provas europeias por uns nórdicos pouco conhecidos [Viking]. Depois unimo-nos, criámos uma onda positiva e uma sequência vitoriosa. O resto é história!”

Sobre o actual esquadrão leonino, De Franceschi tem algumas referências e um desejo: “Joguei com o Valdés no Bari. Atenção, que tem qualidade. Foi pena não falar com ele, pois estava doente. E, claro, há o Liedson, um grande avançado. Não desanimem. Podemos ser campeões!”

“Sporting é como uma mulher que se ama”

O emblema de Alvalade ficou profundamente marcado na vida de De Franceschi. O actual auxiliar técnico do Pádua coloca os leões entre as paixões da sua vida, numa analogia curiosa: “Para mim, o Sporting é como uma mulher que se ama logo à primeira vista. Um homem pode conhecer várias mulheres, mas há sempre ‘aquela’, a especial. Independentemente de ficarmos com ela ou não, lembramo-nos dela para sempre!” Falando como “tifoso”, o extremo-esquerdo vai mais longe. “Em Itália, costumo dizer que o Sporting é a Juventus de Portugal. É enorme, tem adeptos por toda a parte, uma história tremenda. Digo sem hesitar

que o clube não fica atrás de uma Juve ou mesmo de um Inter”, atira. Humilde, ainda hoje o transalpino de 36 anos não consegue explicar a enorme empatia entre si e o público leonino. “Foram só oito meses, mas intensos. Joguei bem, as pessoas aceitaram-me, e conquistei aquele campeonato. Hoje, as pessoas olham para mim e lembram-se disso. Sempre fui discreto, só queria jogar futebol e não parecer mais do que sou. Sinceramente não sei porque recebo tanto afecto, recebi mais do que dei, mas a vida tem estes mistérios. Nem tudo o que é belo se explica.”

“Quero vir cá festejar o título no fim da época”

Ao ceder a imagem para divulgar a nova Gamebox leonina, De Franceschi dividiu-se em filmagens entre Lisboa e Pádua. O ex-leão não esperava o convite e anteontem foi ovacionado em Alvalade, com o filho Tommaso às cavalitas. “Foi uma emoção fortíssima. Quando vim a Lisboa pelo Chievo Verona, em 2004, foi lindo. Os adeptos do Sporting são únicos. Quero vir cá no fim de época celebrar o campeonato com eles, e só o clube lembrar-se de mim para estas filmagens já é uma honra. Na história do Sporting, há muitos jogadores mais importantes que eu, mas é um grande prazer”.

“Só aqui me sinto alguém... ‘speziale’”

De Franceschi terminou a carreira no Pádua depois de lhe ser diagnosticada uma malformação cardíaca, em 2007. Olhando para trás, o canhoto sintetiza a importância do passado leonino: “Adoro recordar o espectacular título de 1999/2000, que terminou naquela festa inacreditável. Só aqui me sinto ‘speziale’. Na Serie A, joguei em equipas pequenas, e o Sporting foi o único grande clube na minha carreira e no qual ganhei o meu único título. Em Itália, era um jogador normal, aqui sou sempre um campeão!”

A “bella squadra” de 1999/2000

Schmeichel – “Só falámos duas vezes [risos]. Ele não falava português nem italiano, eu não falava inglês. Não gostava de treinar, mas era o número um. Quando se concentrava, transformava-se numa fera.”

Beto – “Naquela altura dizia-se que ia para o Inter, para o Real Madrid... Era bravo, bom de cabeça e com os pés. Tinha valor, mas perdi-lhe o rasto quando saiu do Sporting.”

César Prates - “Era um grande jogador, veloz, alegre, bom companheiro, mas ainda hoje acho que tinha potencialidades para fazer muito mais, apesar de, mais tarde, ainda ter jogado em Itália.”

André Cruz – “Enorme jogador. O André era um senhor! Fez uma carreira brilhante, jogou pelo Brasil, Milan e Nápoles. A sua experiência e classe fizeram a diferença no Sporting.”

Rui Jorge – “Teve a sorte de jogar no meu flanco [risos]. Lembro-o mais como pessoa. Era meu vizinho no balneário e ajudou-me tanto. Profissional seríssimo e um jogador inteligente.”

Duscher – “Muito bom! Ainda era jovem, mas destacava-se pela sua excelente visão de jogo e grande execução no passe. Claramente acima da média, foi influente no título.”

Vidigal – “Um gladiador no meio-campo. Com ele, não havia bolas perdidas. Corria por mim, por si, por toda a gente. Era o nosso pulmão e depois fez carreira em Itália.”

Pedro Barbosa – “‘Dio santo’! Era um génio do futebol. Não agradava a todos por ser falso

lento, mas tinha um inteligência futebolística invulgar. Para o Pedro, pensar o jogo estava acima de tudo.”

Mpenza – “Rápido, agressivo, era bastante atlético, mas também não falava comigo, porque o francês não era o meu forte. Deu-nos uma boa ajuda ali no flanco direito.”

Acosta – “O Beto era o tal atacante de que todas as equipas campeãs precisam. No momento oportuno marcava. Só tínhamos de lhe colocar a bola. O habitual era dar em golo!”

De Franceschi – “Ah, esse [risos]. Jogador veloz, com bom pé esquerdo, que procurava posicionar-se e assistir os avançados. Voltou a Itália triste por não ficar, mas com o dever cumprido.”

Materazzi – “Não foi feliz, mas fez um trabalho honesto. Agradeço-lhe ter-me proporcionado a melhor fase da minha carreira. Creio que lhe consegui dar alguma razão nas escolhas!”

Inácio – “Estou-lhe grato. Disse-me mal chegou que eu não era filho de ninguém. Era igual aos outros. Tinha perdido o Materazzi, a minha referência, e o Inácio disse-me o que eu precisava de ouvir.”

In ojogo.pt